

'Agora é essa': Heloisa Buarque de Hollanda celebra os 80 anos com tatuagens e novos livros

ela

O GLOBO



Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 4 DE AGOSTO DE 2019 ANO XXV - Nº 31.408 - PREÇO DE ESTE EXEMPLAR NO RJ - R\$ 700 2ª EDIÇÃO

RECURSOS HUMANOS

Clã Bolsonaro contratou 102 pessoas com laços familiares

Babá e dona de casa estão entre nomeadas; defesa nega irregularidade

Levantamento feito pelo GLOBO revela que, desde o primeiro mandato de Jair Bolsonaro como deputado, em 1991, foram nomeados para seu gabinete e os de seus três filhos políticos (Flávio, Carlos e Eduardo) 286 assessores, dos quais 102 têm algum parentesco ou relação familiar entre si. Só da família Bolsonaro, são 22. Em vá-

rios casos, há indícios de que as pessoas não exerceram as funções dos contratos. Procurados, dois dos nomeados negaram ter trabalhado; e duas pessoas declararam outras ocupações. Uma mulher que foi contratada por 15 anos no gabinete de Flávio com o salário médio de R\$ 7,3 mil, por exemplo, informou na Justiça ser "do lar".

Outra, apesar de contratada por Carlos de 2005 a 2019 por R\$ 10,7 mil em média, declarou em cartório ser "babá". A defesa do senador Flávio Bolsonaro diz que as contratações foram legais. O Palácio do Planalto, o vereador Carlos Bolsonaro e o deputado federal Eduardo não comentaram o assunto. **PÁGINAS 4, 5 e 10**

MERVAL PEREIRA

Os interesses nos ataques à Lava-Jato

PÁGINA 2

LAURO JARDIM

Despenca verba de renúncia para o cinema

PÁGINA 6

ELIO GASPARI

A bem-sucedida estratégia da provocação

PÁGINA 7

ANCELMO GOIS

Desemprego passa longe do setor de saúde

PÁGINA 26

DORRITH HARAZIM

O mundo ficou chato depois de Woodstock

PÁGINA 3

ASCÂNIO SELEME

PP pressiona por novo projeto para regular lobby

PÁGINA 14



MISÉRIA DOURADA GARIMPO ILEGAL DE OURO AVANÇA EM TERRA INDÍGENA

TEXTO: VINÍCIUS SASSINE FOTO: DANIEL MARENCO

O GLOBO percorreu por quatro dias a maior reserva indígena do país, a Ipanamã, entre Roraima e Amazonas, onde 23 mil índios dividem a terra com 15 mil garimpeiros ilegais de ouro, numa rotina de violência, conflitos e destruição ambiental. Os dois rios mais importantes para os nativos estão contaminados por mercúrio. **PÁGINAS 12 e 13**

Devastação.
Garimpeiros desmatam para fazer a extração

Anatel teme que boatos sobre 5G atrapalhem leilão

Os boatos sobre a quinta geração de redes móveis de telefonia, como os de que causaria câncer e mutações de DNA que acelerariam o envelhecimento ou contribuiriam para a extinção das abelhas, preocupam a Anatel. Agência planeja fazer o primeiro leilão de 5G no ano que vem. **PÁGINA 33**

SEGUNDO CADERNO

Cinema brasileiro, um multiplex de diversidade

Análise dos 185 filmes nacionais lançados em 2018 mostra que apenas três deles foram classificados como proibidos para menores de 18 anos. Os temas mais frequentes foram família e relacionamentos. Personalidades apontam filmes brasileiros inescutíveis, de Glauber Rocha a Trapalhões.

Cracolândias se alastram pela cidade

Em expansão pelo Rio, cracolândias levam pá-nico a lugares como o bairro de Mariada Graça, o Parque Garota de Ipanema e as adjacências da Urerj. Para bancar o consumo da droga, usuários assaltam e cometem pequenos furtos no entorno desses agrupamentos. Prefeitura não informa número atualizado de cracolândias. **PÁGINA 15**

RUMO A PORTUGAL

Braga, o novo eldorado dos brasileiros

PÁGINA 39

REPRODUÇÃO ASSISTIDA

Congelamento de embriões dá um salto no país

PÁGINA 42

ATAQUE NOS EUA

Pelo menos 20 morrem em shopping

PÁGINA 40



VEJA A CHARGE NA PÁGINA 3

A NOVA CORRIDA DO OURO



GARIMPO, COBIÇA E POBREZA NA TERRA IANOMÂMI

EXTRAÇÃO ILEGAL DE OURO NA MAIOR RESERVA INDÍGENA DO PAÍS ATRAI ATÉ 15 MIL HOMENS E DEIXA RASTRO DE DESTRUIÇÃO



VINÍCIUS SASSINE
FOTOS
DANIEL MARENCO
Enviados especiais à reportagem do O Globo

Aos 57 anos, "Irmão" viu-se sozinho e com quatro filhos pequenos para criar. Morador da Ilha da Fazenda, um vilarejo com 80 casas encravado no Rio Xingú, no Pará, há 15 meses ele decidiu deixar as crianças com a avó. Foi tentar a sorte num garimpo ilegal a 1.500 quilômetros de sua família, na coração da terra indígena ianomâmi, a maior do Brasil, em uma área da floresta amazônica em Roraima. A poucos metros de sua casa, a mineradora canadense Belo Sun se preparava para começar a extração de ouro, mas "Irmão" não via chance de emprego.

—Eu mal sei assinar meu nome — diz. "Irmão" é como ele é chamado no garimpo ilegal em que trabalha na terra indígena. Lá, todos se conhecem por apelidos. Filho de garimpeiro, ele seguiu seu irmão, com quem compartilha

o ofício, e que está há mais tempo trabalhando em um barranco à beira do Rio Uraricoera. "Irmão" está no Mucajai, um rio próximo. Os dois buscam os grammas de ouro com as mãos.

A nova corrida pelo ouro se dá em paralelo ao anúncio do presidente Jair Bolsonaro de que pretende legalizar a exploração mineral em áreas indígenas. Na reserva ianomâmi, a ação ocorre hoje nesses dois rios (Uraricoera e Mucajai), que também são os mais importantes para seu povo. Garimpam ali, pelas estimativas das lideranças indígenas e dos próprios garimpeiros, de 10 mil a 15 mil pessoas, num universo de tensões, violência, conflitos e destruição ambiental. Já os ianomâmi são cerca de 23 mil vivendo em Roraima e no Amazonas.

O GLOBO esteve durante quatro dias na terra indígena ianomâmi e subiu o Rio Mucajai. O rio é largo, curvilíneo e margeado por uma exuberante floresta. Tem águas mais turvas do que o comum para o atual período de chuvas, um indicativo da atividade de garimpo na região. Os invasores sobem o rio em canoas de motor, por dias, para chegar às áreas de exploração de ouro. Uma fu-

maça na mata, um banco de areia na margem ou um motor exposto, sugando a água do rio, são os sinais mais óbvios de que, naquele lugar, está em operação um garimpo ilegal. Pelo ar rasgam, o tempo todo, pequenos aviões carregados de gente e ouro. A mata densa esconde trabalhadores abrigados sob a lona. Quando estão trabalhando, eles submergem nas crateras abertas após o desmatamento. Dali, sairá o metal cobiçado: o ouro.

CHEGADA DE VENEZUELANOS
No fim da década de 1980, pistas clandestinas de pouso e decolagem de avião rasgaram a terra dos ianomâmi e a quantidade de garimpeiros no local explodiu. Chegou a 40 mil pessoas. Ao longo das décadas, a febre do ouro na reserva teve altos e baixos. Hoje, com a nova leva de exploração, os ianomâmi estão pressionados pelo garimpo, com o mercúrio correndo nos rios. E os garimpeiros — ora pobres, ora miseráveis — tentam a subsistência e a fortuna. Em Boa Vista, a capital mais próxima, outro drama torna o cenário mais desolador: com a chegada de milhares de refugiados venezuelanos, o emprego não qualificado rareia. A 115 quilômetros da reser-

va, Boa Vista ergueu um Monumento ao Garimpeiro, no centro da cidade. Roraima tem 35 mil garimpeiros, todos eles na ilegalidade e com atuação focada na terra ianomâmi.

A febre do ouro levou a uma reação do Estado, suficiente para sufocar o fluxo de entrada de novos garimpeiros na reserva indígena, mas infima no intento de reverter o problema e tirar do local os que ali estão.

Há um ano, a Polícia Federal (PF) deflagrou operação para combater o garimpo ilegal na terra ianomâmi, com foco nos grandes exploradores de ouro, donos de aviões e máquinas. Quase 30 pessoas foram presas e 18 aviões, apreendidos. Entre os investigados, um dono de garimpo já condenado por genocídio de 16 ianomâmi em 1993.

Há dois meses, uma operação do Exército destruiu pontos de exploração de ouro na terra ianomâmi e reativou postos de controle. Consistiu em uma corda de ponta a ponta de cada um dos dois rios e bases com jovens militares armados. Os soldados só chegaram aos focos de garimpo em transporte aéreo.

Apesar da operação do Exército, os "tatuções" seguem operando. É muito comum a presença de índios na condução dos barcos de ga-

rimpeiros e relatos de pagamentos a representantes dessas aldeias, para que se siga rio acima e entre na mata em busca do ouro. Nos pontos improvisados, boa parte dos índios passa os dias alcoolizados.

Cada "tatução" é operado por cinco ou seis garimpeiros. A água é bombeada do rio, carregada para valas gigantes abertas e usada para lavar a terra, empurrada para uma caixa que retém as partículas de ouro presentes. Dias depois, os garimpeiros "batem" os tapetes onde o minério fica retido. E aí entra o mercúrio: para agrupar as partículas. Logo depois, é descartado na água, que volta para o rio. O ouro é queimado, o mercúrio evapora — esta é a etapa mais tóxica — e retorna à forma líquida. E cai na água de onde os ianomâmi retiram parte de sua comida.

Os garimpeiros passam os dias na selva. Tomam banho com água da chuva. Dormem em redes. Padecem de malária e leishmaniose. E de crack e cocaína também.

"Irmão" trabalhou três dias seguidos para receber oito gramas de ouro. Cunha, de 43 anos, integra o grupo de "Irmão" no barranco. Recebeu os mesmos oito gramas. A divisão é praticamente cartelinizada: o dono do "tatução" fica com 70% do ouro; os traba-

lhadores dividem os outros 30%. E ninguém reclama.

A partilha do ouro, depois da extração e da queima, é tensa. Ninguém quer ser passado para trás. Quando chega aos acampamentos, a comida tem um preço altamente inflacionado: um quilo de carne custam um grama de ouro; uma caixa de cerveja, um grama e meio. O dinheiro perde o valor. Se o câmbio fosse relevante ali, um grama equivaleria a algo como R\$ 130. O ouro pode render até R\$ 10 mil num mês a um garimpeiro mais braçal.

—É dez mil vezes melhor do que na cidade. Ganho para ter minha caminhonete, minha casa e meus filhos na escola e fora do garimpo — diz Cunha, que já explorou ouro ilegal na Venezuela, nas Guianas e no Suriname.

"Irmão" planeja voltar à Ilha da Fazenda, no Pará, só em janeiro do ano que vem. É para quando está previsto um novo cadastro dos moradores do vilarejo pela mineradora Belo Sun, que quer explorar cinco toneladas de ouro por ano, ao longo de pelo menos 12 anos. Populações indígenas serão diretamente impactadas e vêm se opondo ao projeto. "Irmão" quer sair da ilha e ser indenizado. Isto se, de fato, deixar a terra ianomâmi.



Rotina. Na foto maior, garimpo ilegal na reserva indígena Ianomâmi, em Roraima. Acima, garimpeiro no local em que dorme no meio da floresta amazônica. Ao lado, ouro dividido entre o dono da máquina para extração e 12 garimpeiros.

TENSÃO IMPERA ENTRE ÍNDIOS, GARIMPEIROS E MILITARES

CONFLITOS ARMADOS E ATÉ MESMO SERVIÇO DE TRANSPORTE DE CORPOS EM BARCOS SÃO COMUNS NO LOCAL

O clima era tenso no amanhecer da última quinta-feira na reserva Ianomâmi, em Roraima. Horas antes, cinco barcos com garimpeiros decidiram acelerar e romper o cordão de isolamento estendido pelo Exército, ainda no começo do rio Mucajai. A ação chamou a atenção dos militares que vigiavam o local e eles se colocaram em alerta.

A notícia da tentativa de furar o bloqueio se espalhou pelos acampamentos do local e provocou reações de revolta entre outros garimpeiros. Isso porque, a partir de então, ficaria mais difícil subir até os pontos mais movimentados do garimpo ilegal devido ao aumento da vigilância.

Na madrugada, os barcos tinham esperado os refletores se apagarem, o que costuma ocorrer por volta da meia-noite, para acelerar em direção ao garimpo. A atuação dos garimpeiros ilegais no local costuma ser mais discreta.

A tensão presente na

quele dia, no entanto, não era exceção. Não raro, invasores da terra Ianomâmi brigam entre si. Em relação aos militares do Exército, o sentimento também é de extrema animosidade. Garimpeiros dizem sofrer agressão verbal e física; afirmam ser comum que militares escondam o rosto e o nome na farda; e fazem relatos, inclusive, de desvio do ouro apreendido. O Exército afirma já ter instaurado três sindicâncias este ano para apurar denúncias, todas elas arquivadas por falta de provas.

ÍNDIOS ARMADOS

A tensão vai além do embate entre o Estado, materializado na figura dos militares que patrulham o começo do rio, e os garimpeiros. Edos garimpeiros entre si. Há também índios armados. Algumas aldeias permitem a presença dos garimpeiros, mediante pagamento pela estadia. Outras, não. E reagem de forma violenta em situações de visitas indesejadas.

Também é comum garimpeiros circularem com armas na cintura. Os conflitos são frequentes. Uma desavença por ouro, ou por um

motivo fútil decorrente de uma bebida, é facilmente resolvida a bala. Há influência de facções criminosas nos garimpos ao longo do rio Uraricoera, sem dominação, segundo os próprios trabalhadores. O Uraricoera é considerado mais perigoso e violento do que o Mucajai. É mais extenso, de difícil acesso e tem mais ouro, segundo garimpeiros.

A violência é tão presente — na mesma proporção do isolamento e da desassistência — que passou a existir a figura do barqueiro transportador de corpos. Ele sobe os rios para buscar pessoas mortas no garimpo. O serviço custa R\$ 7 mil, pagos pela família que não quer ver o parente enterrado clandestinamente na floresta.

— Se roubar, morre. Esta é a lei do garimpo — costumam repetir garimpeiros que exploram a terra indígena Ianomâmi.

Um animal morto, preso a um galho no rio, já suscita uma dúvida entre ocupantes de barcos que cruzam o rio:

— É bicho ou gente? Tem rabo. É bicho.

A violência aumenta à medida em que a exploração de ouro avança. Se há

uma quantidade maior de máquinas enfileiradas, lavando a terra, são maiores as chances de garimpeiros estarem armados.

Os pontos de encontro são as chamadas "currute-las". Muitas delas estão desativadas, diante da relativa asfixia ao garimpo a partir da retomada dos controles pelo Exército. Outras permanecem. Muito do ouro extraído é gasto com as "plocs" — as prostitutas do garimpo.

Desde janeiro, 3 mil garimpeiros desceram os rios de volta para suas casas, segundo um cálculo do Exército, que atua diretamente na repressão ao garimpo ilegal, seja no controle do fluxo de pessoas ou em ações de apoio à Polícia Federal (PF) e ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Em uma dessas ações, os militares colocaram abaixo o barraco de "Bigode", um garimpeiro de 64 anos. Ele é mergulhador em balsas que sugam a terra, maquinário que sumiu das cenas de garimpo em razão das últimas fiscalizações.

"Bigode" é garimpeiro desde 1979. Entre 1981 e 1984, trabalhou em Serra Pelada, no Sudeste do Pará, que atraiu dezenas de milhares de garimpeiros naquela época. Ele era apontado dos homens que carregavam os sacos de terra nas costas, os chamados "formigas". O corpo já dá sinais de esgotamento. "Bigode" diz querer parar.

— Aqui, o minério é pouco e a gente é molestado pela polícia — afirma.

A Constituição Federal veda a exploração de minério em terras indígenas, a não ser que exista autorização do Congresso Nacional e consulta aos índios, o que, até hoje, nunca ocorreu.



Histórias. "Imão" (no alto) trabalhou três dias seguidos, 12 horas por dia, para receber oito gramas de ouro. Cunha (acima) integra o mesmo grupo que ele no barranco